

# Nasce uma antiestrela

*Ná Ozzetti recebe aplausos unânimes ao lançar seu primeiro LP solo*

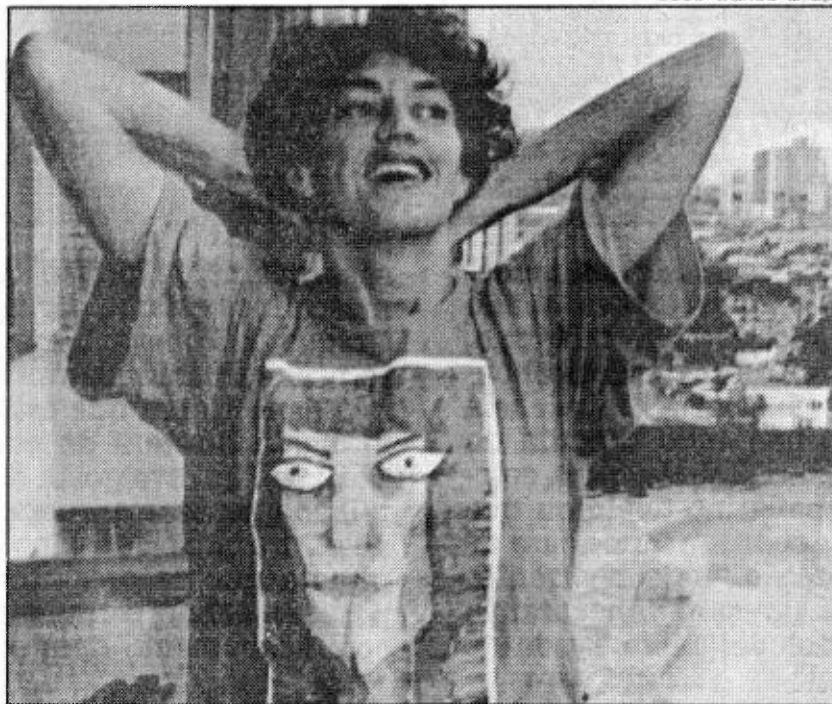
## *Lina de Albuquerque*

**S**ÃO PAULO — Figura antiestrela por excelência, a cantora paulistana Ná Ozzetti lança o seu primeiro LP solo, ganha aplausos unânimes dos críticos, mas como que se recusa a comparecer sozinha ao trono recém-erguido em sua homenagem. Maria Cristina Ozzetti, terceira dos quatro irmãos músicos de uma família classe média do bairro paulistano de Perdizes, assegura que daqui pra frente tudo vai ser... exatamente idêntico: muito trabalho de equipe — “Tenho sorte em ter ao meu lado parceiros incríveis, eles sim as minhas estrelas” —, muito aprimoramento vocal, e ainda mais dedicação.

Há quem julgue que nem precise de tanto. Desde os tempos em que começava a destacar-se como cantora do Rumo, um dos mais marcantes grupos que no começo da década tentaram sacolejar o cenário musical arriscando-se numa

criativa e bem dosada irreverência, sabia-se que aquela sagitariana perfeccionista iria longe facilmente. Há três anos, sem desligar-se do Rumo, ela começou a encerrar a carreira solo com obstinação. Desde então, elegeu como um de seus letristas diletos o músico, amigo, e professor de literatura da Universidade de São Paulo José Miguel Wisnik.

No seu disco de estréia, tal união fica mais do que comprovada: são de Wisnik três das onze músicas de um repertório diversificadíssimo que une sucessos antigos, como **Sua estupidez**, de Roberto e Erasmo Carlos; a melodramática **Dio como ti amo**, de Domenico Modugno, e **Rancho fundo**, de Ary Barroso e Lamartime Babo, reinterpretadas por ela com muita originalidade, a lugares menos freqüentados, como **Cardápio barra pesada**, de Itamar Assumpção, e a monossilábica **Ah**, de Luís Tatit (essa, aliás, marca registrada do primeiro dos quatro discos gravados do Rumo). Foi o professor da USP quem compôs a



*Desde o início, no começo dos anos 80, Ná Ozzetti já trazia a marca da estrela*

José Carlos Brasil

rara, raríssima, **A olhos nus**, o samba **Sócrates brasileiro**, homenagem à gingada filosófica do futebol, e **Libra**.

Ná Ozzetti caminha para os 30 anos. Sua carreira solo inicia-se relativamente tarde, mais amadurecida também. Antes de pisar no palco pela primeira vez ela já havia vibrado com os Mutantes, Beatles, Rita Pavone, Jovem Guarda, escola de samba e gafeira. Aos 18 anos resolveu fazer artes plásticas na Fundação Armando Alvarez Penteadado (FAAP), mas no final do curso já tinha certeza de que seguiria com a música. Desde 1981, começou a tomar aulas de canto erudito com Cláudia Mocchi, atividade que não deseja abandonar, passando também a reunir os seus próprios alunos de expressão vocal na casa onde atualmente mora com os pais e a irmã caçula de 26 anos, a flautista Marta Ozetti.

A gravadora Continental, garante, deu a ela total liberdade na escolha do repertório e o show de

lançamento do disco que recebeu apenas o seu nome (ficou até domingo no Sesc Pompéia, prossegue hoje e amanhã no Masp, e se apresenta para o público carioca de 13 a 17 de julho, no Teatro Ipanema) reserva momentos imperdíveis que não aparecem no vinil, como **Estão chegando os alquimistas**, de Jorge Ben e com arranjos de Bocato. Acompanhada pelos irmãos Dante (violão, guitarra e direção musical) e Marta (flauta), Chantily (baixo), Elisa Zein (teclado), Edson (bateria), Bocato (trombone), Bangla (sax) e Cláudio Faria (bateria), Bocato (trombone), Bangla (sax) e Cláudio Faria (trompete), Ná nunca deixa de vigiar, com os enormes e espertos olhos azuis, todos os movimentos dos músicos no palco.

Como na capa do primeiro disco, fotografada pelo baterista do Rumo, Gal Ollido, onde aparece descalça e vestindo um curto vestido de seda, ela pretende mostrar-se a legião de admiradores, que aumenta a cada dia, de corpo inteiro. E de alma.